

Resenhas

François Singly. *Le soi, le couple et la famille*. Paris: Nathan, 1996.

É preciso que se diga, antes de mais nada, que *Le soi, le couple et la famille* não é apenas um livro importante. É também um belo livro. Sensível, cativante, feminino talvez — exatamente no sentido da definição, proposta pelo autor, da identidade feminina (p. 47) como uma “forte concentração sobre os seres”. Mas, além disso, essa sociologia da família contemporânea é também uma sociologia da contemporaneidade. Através das transformações das condições de funcionamento do universo familiar, somos levados a acompanhar as transformações das condições de produção da individualidade e a emergência de novas mediações na relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo.

Duas rupturas definem a mudança. A primeira refere-se ao debilitamento da *identificação* com um mais além de si mesmo generalizado (da qual a educação moral constituía uma alavanca), em favor da “busca da autenticidade” — sentimento de fidelidade a si mesmo que, inversamente, pressupõe um distanciamento subjetivo com respeito a *status* sociais, os quais,

embora a eles se aspire (na medida em que materializam o vínculo entre o indivíduo e o mundo), já não podem mais, enquanto tais, definir o sentido do engajamento pessoal.

A segunda ruptura refere-se à função da família: ao passo que esta constituiu, até um período recente, o primeiro degrau no processo de construção da identificação individual a um eu social (isto é, o primeiro degrau no processo de socialização), ela assume hoje um lugar central na “revelação de si” — revelação de um eu íntimo, entendido como recurso fundamental na organização do vínculo entre o indivíduo e o mundo. De um lado, “as relações entre os sexos e entre as gerações no âmbito da esfera privada devem sustentar esse projeto de revelação”; de outro, a revelação só tem sentido na medida em que ela é um dos pólos da relação entre o indivíduo e o mundo — o outro pólo sendo a capacidade do indivíduo em inscrever-se em um *status* social. Conseqüência disso é que a “construção da identidade (entendida como forma pela qual o indivíduo situa-se em uma relação consigo mesmo e com o mundo) realiza-se ‘sob tensão’”.

Essa tensão se manifesta de duas maneiras. Em primeiro lugar, através do ideal da autonomia no

nível das relações com o outro, expresso na busca de um equilíbrio entre “se ligar a” e “se desligar de”. Em segundo lugar, através do ideal do sucesso, expresso na dupla injunção de fidelidade a um “eu íntimo” e de inscrição satisfatória de um “eu estatutário”. As condições para a construção desse equilíbrio, verdadeiro trabalho sobre si mesmo, serão discutidas em um primeiro momento no âmbito do casal, em seguida através das relações entre pais e filhos.

Nos dois casos, a função de revelação é central e define o sentido da relação. O amor dedicado ao outro, cônjuge ou filho, é a base dessa alquimia que permitiria fazer emergir uma personalidade latente e talentos insuspeitos. A importância do amor vem do fato de que ele assegura a auto-estima, a qual depende diretamente da estima de outrem: não é possível estimar-se a si mesmo, se não se é estimado por outrem. Nesse sentido, “a transformação de um recurso (a personalidade latente) em capital requer duas etapas: o reconhecimento social ou por um indivíduo de um recurso possuído por um certo eu, e a retradução desse reconhecimento em termos de auto-estima [...] sem um nível de auto-estima, o recurso permanece inútil” (p. 42). A família, na medida em que constitui o primeiro espaço

de produção da auto-estima, protege contra os descaminhos inevitáveis do processo de inscrição individual em seu eu estatutário, relativizando-os e produzindo desse modo indivíduos melhor preparados para se apropriarem do mundo.

Várias diferenças separam no entanto a função desenvolvida no nível das relações entre cônjuges e a mesma função quando desenvolvida no âmbito das relações entre pais e filhos. Primeiro, a simetria virtual da função, quando posta em prática pelos membros de um casal — prática longamente analisada através do mito de Pigmalião. É sem dúvida em razão dessa simetria que François de Singly se pergunta (p. 47) se Pigmalião é homem ou mulher. Higgins, o *Pigmalião* de Bernard Shaw, é (segundo o enunciado formulado pelo autor a respeito da identidade sexual) um homem — alguém para quem o reconhecimento da identidade deve ser mediado e legitimado por instituições; mas Dick, o personagem de *Tender is the night* de Scott Fitzgerald, que renuncia ao seu próprio trabalho para se dedicar a Nicole, é uma mulher. Luc e Annie, personagens da pesquisa, são alternativamente um para o outro Pigmalião — homem e mulher; mas finalmente, através da história da relação dos dois, é Annie que se fixa no papel de homem, enquanto Luc assume ativamente o pólo feminino do casal. Assim descritas, as identidades sexuais não se explicam por uma “natureza”, masculina ou feminina, mas pela alternância de dois tipos de relação com o mundo que, por razões sociais e culturais, hoje se inscrevem preferencialmente nessas identidades sexuais, mas que podem igualmente referir-se, complementarmente ou de forma alternada, a qualquer experiência individual, quer seja a de um homem ou a de uma mulher.

Nesse sentido, é pelo menos curioso, e mesmo paradoxal, que essa relativa desconexão entre identidades “sexuais” socialmente definidas e identidades sexuais naturais, posta muito livremente como possibilidade quando da análise das relações no seio do casal, reapareça transfigurada na segunda parte do livro, quando se trata de examinar as relações entre pais e filhos. Nesse ponto, a coincidência entre definição social e definição biológica da identidade sexual se dá de maneira muito mais rígida, como se os dados da pesquisa dessa segunda parte contradissem os dados da pesquisa e o modelo analítico apresentados na primeira.

É difícil propor uma explicação, ou situar exatamente em que nível das representações (do pesquisador ou dos pesquisados) a ruptura entre as duas construções se efetua. Ela parece de algum modo estar relacionada à natureza simétrica (no nível do casal) ou assimétrica (no nível intergeracional) da relação. A relação no seio do casal é, em princípio, uma relação entre dois indivíduos formados, enquanto que a relação intergeracional engaja um indivíduo em formação. A estabilidade das referências parece tanto mais necessária, na relação entre pais e filhos, na medida em que o número de incógnitas é aí bem mais importante e as expectativas desmesuradas. Ante os “talentos ocultos” de seus filhos, que lhes incumbe revelar, os pais sentem-se como que diante de um infinito de possibilidades. Se é verdade que se trata, neste caso, de uma inversão completa da tese da infância como cera mole, na qual qualquer trabalho educativo pode ser inscrito, a meta educativa, compreendida na tarefa da revelação, nem por isso é menor. A referência a uma divisão de papéis estável, com a mãe mais orientada

para a revelação do eu íntimo, e o pai mais voltado para a inscrição em um eu social, e a conseqüente confirmação biológica de uma definição social da divisão de papéis, explicar-se-ia pela maior complexidade do trabalho de revelação, quando estão em jogo os vínculos intergeracionais

Tal explicação, no entanto, não satisfaz completamente. François de Singly insiste no fato de que, em sua fase contemporânea, a família tende a atenuar a clivagem sexual. “Somente a afeição é posta em cena.” Nas imagens que representam a relação entre pais e filhos, “a ausência da mãe é uma maneira de atenuar a clivagem sexual, que se torna secundária”. Ou, então (p. 160), “a afeição é incompatível, para a maioria dos indivíduos, com a execução explícita de um papel. Os gestos de afeição não têm necessidade de ser justificados por referência à posição ocupada nas relações entre as faixas etárias ou entre os sexos”. Por que então, diante das críticas que denunciam a perigosa indiferenciação entre o pai e a mãe, propor uma resposta que estabiliza os estatutos respectivos, se todos sabemos que hoje, mais do que nunca, eles continuam em processo de transformação?

Angelina Peralva

Universidade de São Paulo/
CNRS — Ecole des Hautes
Etudes en Sciences Sociales